



A construção modalizadora [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}]: análise sociointeracional dos subesquemas [ter de + infinitivo] e [haver de + infinitivo]

Líneker Trajano dos Santos

Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e do Lazer, Rio Grande do Norte, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4401-2076>

E-mail: prof.linekertrajano@gmail.com

RESUMO

Este artigo focaliza a construção modalizadora [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}], que licencia padrões como tenho de reconfigurar, hei de ver, está para nascer, ficou de mandar, cujos sentidos apontam para noções de obrigação, necessidade, compromisso e volição. O objetivo geral do artigo é examinar a atuação de processos sociointeracionais subjacentes às instâncias de uso da referida construção. Fundamentamo-nos teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme proposto por Furtado da Cunha e Bispo (2023), Bispo e Lopes (2022), Rosário e Oliveira (2016), particularmente na interface dessa vertente teórica com o modelo da Gramática de Construções (Traugott; Trousdale, 2013). Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritivo-explicativa. O banco de dados consiste em ocorrências extraídas do *Corpus do Português on-line*, especificamente da seção Web/Dialetos. Os resultados apontam para a existência de uma gradação intersubjetiva para cada uso linguístico de um mesmo padrão subesquemático a depender do contexto sociocomunicativo. Desse modo, alguns usos se alinham mais a uma dimensão intersubjetivamente “não marcada”, enquanto outros reforçam um viés mais intersubjetivo, tendo em vista seus possíveis efeitos perlocucionários, como convencer, inspirar, revoltar, comprometer o presumido ou conhecido interlocutor. Além disso, salientamos a materialização de atos de fala indiretos em algumas instâncias da construção sob enfoque, mais precisamente no subesquema [haver de + infinitivo], aliada a outros mecanismos pragmáticos de regulação da interação, como a preservação da face, a polidez comunicativa, a manutenção de interação fictícia, dentre outras.

PALAVRAS-CHAVE: Construção modalizadora; Linguística Funcional Centrada no Uso; Gramática de Construções; Padrões construcionais; Pragmática.



THE MODALIZING CONSTRUCTION [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}]: a socio-interactional analysis of the subschemes [ter de + infinitive] and [haver de + infinitive]

ABSTRACT

This article focuses on the modalizing construction [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}], which licenses patterns such as *tenho de reconfigurar*, *hei de ver*, *está para nascer*, *ficou de mandar*, whose meanings point to notions of obligation, necessity, commitment, and volition. The general objective of the article is to examine the role of socio-interactional processes underlying the instances of use of the aforementioned construction. Our theoretical framework is based on Usage-Based Functional Linguistics, as proposed by Furtado da Cunha and Bispo (2023), Bispo and Lopes (2022), Rosário and Oliveira (2016), particularly at the interface of this theoretical approach with the Construction Grammar model (Traugott; Trousdale, 2013). Methodologically, the study adopts a qualitative approach, of a descriptive-explanatory nature. The database consists of occurrences extracted from the online *Corpus do Português*, specifically from the Web/Dialects section. The results indicate the existence of an intersubjective gradation for each linguistic use of the same subschematic pattern depending on the sociocommunicative context. Thus, some uses align more with an intersubjectively “unmarked” dimension, while others reinforce a more intersubjective bias, considering their possible perlocutionary effects, such as convincing, inspiring, revolting, or committing the presumed or known interlocutor. Furthermore, we highlight the materialization of indirect speech acts in some instances of the construction under focus, more precisely in the subscheme [*haver de + infinitive*], combined with other pragmatic mechanisms for regulating interaction, such as face preservation, communicative politeness, and the maintenance of fictional interaction, among others.

KEYWORDS: Modalizing construction; Usage-Based Functional Linguistics; Construction Grammar; Constructional patterns; Pragmatics.

1. Introdução

A linguagem transcende a mera transmissão de informações, configurando-se como um instrumento essencial na construção e negociação de significados durante a interação social. Nesse panorama, a modalização exerce um papel crucial na regulação discursiva, ao expressar variados graus de compromisso, necessidade, possibilidade e intenção do falante acerca do conteúdo proposicional enunciado (Narrog, 2012; Traugott; Trousdale, 2013). Especificamente no português, diversas construções gramaticais veiculam valores modais, destacando-se a construção [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}]. Esta estrutura licencia subesquemas, como [ter de + infinitivo], [haver de + infinitivo], [estar para + infinitivo] e [ficar de + infinitivo]¹, os quais frequentemente se associam a noções de obrigação, necessidade, volição e compromisso (Santos, 2023).

Este estudo, portanto, dedica-se a investigar a influência dos processos sociointeracionais nas ocorrências de uso da referida construção modalizadora, com foco particular nos efeitos pragmáticos que emergem da dinâmica entre os interlocutores. Partimos da hipótese central de que existe uma gradação intersubjetiva para cada uso linguístico de um mesmo padrão subes-

¹ A seleção desses subesquemas deve-se ao fato de apresentarem realização formal estável e frequência suficiente no corpus, além de permitirem observar contrastes relevantes para a investigação. Outros padrões potencialmente modalizadores, tais como [precisar de + infinitivo], [deixar a + infinitivo] e/ ou [pensar em + infinitivo], foram excluídos por questões metodológicas, como baixa recorrência, pesquisas paralelas já em desenvolvimento ou alta variabilidade formal (cf. Santos, 2023).

quemático, dependendo do contexto sociocomunicativo em que se insere, hipótese que orienta a organização da análise e o enquadramento interpretativo adotado.

Para tanto, fundamentamo-nos teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), no âmbito do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática, conforme desenvolvida por Furtado da Cunha e Bispo (2023), Bispo e Lopes (2022), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Rosário e Oliveira (2016). A LFCU, em nossa abordagem, dialoga com os pressupostos e conceitos da Gramática de Construções (GC), defendida por pesquisadores como Goldberg (2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013). Adicionalmente, incorporamos as noções de intersubjetividade, conforme Traugott e Dasher (2002) e Tantucci (2021), e a teoria dos Atos de Fala de Austin (1990) e Searle (1969 [1981], 1979 [1995]), para analisar a relação entre padrões gramaticais e os aspectos interacionais.

Adotamos uma concepção de língua(gem) como atividade cognitivo-discursiva e socialmente situada, que reflete as práticas comunicativas dos falantes em contextos interacionais específicos. A gramática, sob essa perspectiva, é entendida como um inventário estruturado de construções convencionais, cujos significados são moldados pelo uso e pela recorrência em situações comunicativas (Goldberg, 2006; Traugott; Trousdale, 2013). Assim, os padrões modais aqui analisados não são vistos como categorias fixas, mas como formas linguísticas dinâmicas, suscetíveis a variações e reconfigurações de acordo com as demandas discursivas e pragmáticas de cada interação.

A relevância deste artigo reside na necessidade de aprofundar a compreensão sobre como os processos pragmático-discursivos influenciam a interpretação modal dessas construções, possibilitando uma análise mais abrangente do fenômeno da modalização no português. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza descritivo-explicativa. Os dados analisados foram extraídos da seção Web/Dialetos do *Corpus do Português On-line*², que contém aproximadamente um bilhão de palavras de páginas da internet de quatro países lusófonos. Concentramo-nos em ocorrências da construção modalizadora $[V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}]$ e seus subesquemas [ter de + infinitivo] e [haver de + infinitivo] na variedade do Português Brasileiro (PB).

O artigo está organizado da seguinte forma: a próxima seção detalha a fundamentação teórica que norteia o estudo, além dos procedimentos metodológicos. Posteriormente, discutimos as análises realizadas, com ênfase nos efeitos interacionais e pragmáticos da construção modalizadora investigada. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados da pesquisa.

2. Apontamentos teórico-metodológicos

Fundamentamo-nos teoricamente na LFCU, uma vertente que conjuga pressupostos da Linguística Funcional norte-americana e da Linguística Cognitiva. Adicionalmente, recorremos ao modelo da GC, cujo aparato teórico-metodológico é crucial para a compreensão do fenômeno em estudo.

² Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>.

Partimos de uma concepção de linguagem como um complexo mosaico de atividades comunicativas, cognitivas e sociais (Tomasello, 1998). Nessa perspectiva, a linguagem não pode ser dissociada de outras capacidades cognitivas humanas, sendo moldada por nossas experiências com o mundo e pelas práticas interacionais situadas em que nos engajamos cotidianamente. A língua, por sua vez, é entendida como um sistema dinâmico e maleável, sujeito às pressões do uso. Sua estrutura é, portanto, diretamente influenciada pelos aspectos dos contextos comunicativos em que é empregada (Bybee, 2016). Consequentemente, a gramática é concebida como um conjunto heterogêneo de padrões que emergem da rotinização e regularização das estruturas linguísticas na interação social.

A LFCU postula uma estreita correlação entre forma e função, o que significa que as estruturas linguísticas são diretamente afetadas pelas funções que desempenham na comunicação. Assim, a codificação linguística reflete as motivações diversas que orientam os falantes em seus modos de expressão, vinculadas às demandas interacionais, às expectativas projetadas e às condições situacionais do uso. Isso implica a necessidade de observar a língua(gem) em seu uso efetivo, em situações reais de interação, analisando a recorrência dos fenômenos linguísticos a partir dessas motivações comunicativas. A inter-relação entre forma e função é capturada, dentro deste direcionamento teórico, pelo conceito de construção. As construções são pareamentos de forma-função cujo significado não é meramente a soma das partes que as compõem (Goldberg, 2006; Traugott; Trousdale, 2013).

Na visão da GC, os falantes elaboram generalizações a partir das estruturas linguísticas que utilizam rotineiramente, associando-as a aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos dos contextos em que ocorrem. Para a GC, as línguas constituem complexas redes de construções inter-relacionadas, que variam em níveis de tamanho, especificidade e tipo de conteúdo que veiculam.

Considerando que o uso é o lócus da negociação de sentidos, partimos da premissa de que elementos presentes na situação de comunicação e os sentidos que emergem do uso de uma construção em um dado contexto podem se rotinizar e passar a ser percebidos como parte integrante desse pareamento forma-função. Nesse sentido, destacamos a importância dos processos sociointeracionais que atuam na língua(gem), pois eles podem ser responsáveis, em certa medida, pela convencionalização, rotinização e fixação de sentidos de uma construção no repertório linguístico dos falantes.

Para a análise da construção modalizadora [V1AUX + PREP + V2INF], os aspectos interacionais relacionados à (inter)subjetividade e às inferências pragmáticas são de particular relevância. Neste estudo, articulamos duas perspectivas complementares: (1) a de Traugott e Dasher (2002), que compreendem subjetividade e intersubjetividade como orientações do falante para suas próprias atitudes, crenças e avaliações, bem como para as atitudes e expectativas atribuídas ao interlocutor; e (2) o modelo de Tantucci (2021), que descreve diferentes graus de projeção do interlocutor — do subjetivo ao intersubjetivo imediato e ao intersubjetivo estendido. Assim, ao entendermos a comunicação como atividade inerentemente (inter)subjetiva, reconhecemos que os falantes não apenas transmitem conteúdo proposicional, mas também gerenciam relações in-

terpessoais, expectativas interpretativas e imagens públicas (face), mobilizando diferentes níveis de orientação ao outro conforme o contexto de uso.

A subjetividade manifesta-se na expressão do eu, na perspectiva do falante sobre o mundo e sobre os outros. As escolhas linguísticas operadas pelo falante para cumprir suas intenções comunicativas revelam seu ponto de vista e seu engajamento com o que é dito. Por sua vez, a intersubjetividade envolve a consideração ativa do outro na interação. Isso inclui a antecipação das possíveis reações do interlocutor, a adaptação da mensagem para facilitar a compreensão ou para alcançar determinados efeitos perlocucionários, e a sinalização da atenção do falante à face e ao estado mental do interlocutor. Traugott (2010) argumenta que os significados intersubjetivos frequentemente se desenvolvem a partir de significados subjetivos, através de um processo de inferência pragmática em que o falante começa a codificar explicitamente sua atenção à perspectiva do ouvinte.

Tantucci (2021) propõe que a intersubjetividade seja compreendida como um “excedente de significado” que se adiciona à informação proposicional e aos efeitos perlocucionários de um ato linguístico. Ele critica visões dicotômicas (uma forma é intersubjetiva ou não) e defende a existência de uma gradação intersubjetiva. A mesma construção pode, dependendo do contexto, situar-se em diferentes pontos desse continuum, manifestando desde um baixo grau de orientação ao outro até uma intersubjetividade mais explícita, seja ela imediata (orientada a um interlocutor específico e presente na interação) ou estendida (orientada a um grupo, à comunidade ou a normas sociais mais amplas).

As inferências pragmáticas são centrais para esse processo de construção e negociação de sentidos. Conforme Traugott e Dasher (2002), os falantes frequentemente utilizam expressões de maneira inovadora, convidando os interlocutores a inferir significados que vão além do que é literalmente dito. Essas inferências, inicialmente contextuais e dependentes da negociação local, podem se tornar convencionalizadas se forem recorrentemente associadas a determinadas formas em contextos semelhantes. Esse processo de pragmatização é um dos principais motores da mudança semântica e da emergência de novas polissemias.

O uso linguístico é o terreno fértil onde os significados são negociados, e os sentidos das construções são continuamente moldados e reconfigurados. Elementos presentes na situação comunicativa, bem como os sentidos que emergem da utilização de uma construção em contextos particulares, podem se rotinizar e, com o tempo, passar a ser percebidos como parte integrante do próprio pareamento forma-função. Nesse processo, os fatores sociointeracionais desempenham um papel crucial, podendo ser responsáveis pela convencionalização, generalização e fixação de novos sentidos ou nuances de sentido de uma construção no repertório linguístico de uma comunidade de fala (Traugott, 2010).

A teoria dos Atos de Fala, inaugurada por Austin (1990) e desenvolvida por Searle (1969 [1981], 1979 [1995]), também contribui para a compreensão da dimensão pragmática da construção modalizadora. Ao enunciar, os falantes não apenas dizem algo (ato locucionário), mas também realizam ações (ato ilocucionário) e produzem efeitos nos interlocutores (ato perlocucionário). A modalização, ao expressar noções como obrigação, necessidade, possibilidade, permissão ou volição, está intrinsecamente ligada à força ilocucionária dos enunciados. Por



exemplo, um enunciado modalizado pode funcionar como uma diretiva (pedido, ordem), uma comissiva (promessa, oferta) ou uma assertiva com diferentes graus de comprometimento epistêmico.

A análise dos atos de fala, incluindo os atos de fala indiretos (em que a força ilocucionária primária difere da forma literal do enunciado), é fundamental para entender como os falantes utilizam a construção [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}] para realizar diferentes ações sociais e alcançar seus objetivos comunicativos. Estratégias de polidez (Brown; Levinson, 1987), como o uso de atos de fala indiretos ou a atenuação de asserções, podem estar associadas a determinados usos da construção modal, refletindo a preocupação dos falantes com a gestão da face e a manutenção da harmonia interpessoal.

Em síntese, a fundamentação teórica aqui apresentada, que articula a LFCU, a GC e as teorias sobre (inter)subjetividade, inferências pragmáticas e atos de fala, oferece um quadro robusto para investigar como os processos sociointeracionais atuam na construção e interpretação dos sentidos modalizadores veiculados pela construção [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}]. Este embasamento permite uma análise aprofundada de como os falantes empregam essa construção em diferentes contextos, negociando significados e gerenciando suas interações sociais.

Em relação aos aspectos metodológicos, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza descritivo-explicativa, com abordagem qualitativa. O caráter descritivo-explicativo da pesquisa reflete a dupla preocupação em documentar sistematicamente as manifestações da construção modalizadora nos dados e, simultaneamente, explicar os processos pragmático-discursivos e/ou sociointeracionais que motivam essas manifestações. Esta orientação metodológica alinha-se com os princípios da LFCU, que postula a necessidade de observar a língua em seu uso efetivo para compreender adequadamente os fenômenos linguísticos.

O banco de dados que serve de base para esta pesquisa foi constituído a partir do levantamento de ocorrências da construção modalizadora [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}] no *Corpus do Português*, especificamente na seção Web/Dialetos. O corpus completo da pesquisa fundamenta este artigo, conforme se encontra em Santos (2023), foi constituído por 3.650 ocorrências da construção modalizadora sob enfoque, sendo seus subesquemas distribuídos da seguinte forma:

- 1.798 ocorrências de [ter de + infinitivo] (49,3% do total)
- 960 ocorrências de [haver de + infinitivo] (26,3% do total)
- 540 ocorrências de [estar para + infinitivo] (14,8% do total)
- 352 ocorrências de [ficar de + infinitivo] (9,6% do total)³

A coleta de dados na pesquisa original seguiu uma metodologia sistemática que combinou dois procedimentos complementares. O primeiro consistiu no levantamento manual de *tokens*, selecionando um número equivalente a 10% do total de dados disponíveis no *Corpus do Português*, mas limitando a 100 construtos por flexão verbal para aquelas que apresentavam quantida-

³ Devido ao recorte adotado e às restrições de escopo deste artigo, as ocorrências dos subesquemas [estar para + infinitivo] e [ficar de + infinitivo] não foram contempladas nas análises.

de elevada de *tokens*. O segundo procedimento baseou-se na identificação de *types*, referindo-se às diferentes estruturas gramaticais geradas pela construção modalizadora.

Para o presente artigo, foi realizado um recorte qualitativo do corpus original do banco de dados de Santos (2023), focalizando especificamente os aspectos sociointeracionais da construção modalizadora. Dos 3.650 construtos originalmente analisados, foram selecionadas ocorrências representativas que melhor exemplificassem a gradação intersubjetiva, os atos de fala indiretos, a variabilidade pragmática e o *continuum* modal entre os diferentes subesquemas.

3. Análise de dados

Nesta subseção, procedemos às discussões sobre as questões pragmáticas percebidas nos diferentes dados da construção sob enfoque e à análise de outras implicações sociointeracionais, vinculadas a noções de (inter)subjetividade, atos de fala etc. nas instâncias de uso selecionadas.

A análise dos processos sociointeracionais expande a compreensão sobre determinados fenômenos linguísticos, já que permite a demonstração do que não se pode flagrar simplesmente na observação de aspectos morfosintáticos, semânticos e mesmo cognitivos. Dessa forma, é preciso que se observe a interação entre os (possíveis) interlocutores, com o fito de (tentar) flagrar as estratégias pragmáticas utilizadas por eles na comunicação, a partir do que se sabe sobre os envolvidos, bem como sobre as normas sociais, as emoções esperadas, as crenças e os comportamentos dos outros membros de determinado grupo social.

Isso posto, reforçamos, aqui, a necessidade de olhar para a interação linguística em larga escala com uma metodologia baseada em dados reais, tal qual fazemos nesta pesquisa, a fim de tentar estabelecer um *continuum* refinado de habilidades dos falantes para marcar seus enunciados como (inter)subjetivos. Nesse sentido, de acordo com Tantucci (2021), isso pode ser alcançado metodologicamente ao abordar a intersubjetividade como uma forma aberta de “excedente de significado” que é adicional à informação proposicional e aos efeitos perlocucionários de um ato linguístico, conforme apresentado na seção anterior.

Como forma de demonstrar os diferentes níveis de (inter)subjetividade entre [ter de + infinitivo] e [haver de + infinitivo], analisemos o conjunto de dados a seguir (01) – (03). Ei-los:

- (01) [...] Sim, quantos sapos engoli até o fatídico dia. Quantas drogas lícitas tive de tomar sorrindo e sem vontade? Sem contar o estresse de manter o controle enquanto sentia náuseas. E a hipertensão arterial mal controlada?⁴
- (02) [...] O Brasil nunca esteve tão bem economicamente e esse desenvolvimento não caiu do céu. É fruto de muito trabalho. A oposição ainda há de se desculpar pelo que fez enquanto governou o país.⁵
- (03) [...] Escolher a melhor cadeirinha do carro para o seu bebê pode ser uma decisão complicada, mas quando você conhece algumas noções básicas sobre os tipos de assentos de carro dispo-

⁴ *Corpus do Português*. Disponível em: <http://cinezen cultural.com.br/site/2013/06/02/o-dia-que-enfartei/>. Acesso em: 30 out. 2021.

⁵ *Corpus do Português*. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/noticias/2009/10/13/amp/lula-refaz-a-caravana-com-dilma.html>. Acesso em: 28 ago. 2021.



níveis, suas escolhas podem ser mais fáceis. MUITO IMPORTANTE: Seu bebê terá de ser transportado em um bebê conforto a partir do momento em que deixar o hospital, e até que ele ou ela complete oito anos de idade.⁶

Segundo alguns autores (cf. Nuyts; 2012; Traugott, 2019; Tomasello, 2020, entre outros), os atos linguísticos manifestam diferentes níveis de (inter)subjetividade, tendo em vista que existem atos linguísticos que visam alcançar algo que é benéfico “apenas” para o falante; os que expressam, marcadamente, a preocupação do falante com a forma como o interlocutor pode reagir em função do que está sendo dito; e, por fim, os atos que apresentam um significado social, isto é, quando a preocupação do falante se dá em relação a como qualquer pessoa na sociedade reagiria ao que é proferido.

Com efeito, os dados (01) – (03) ilustram esses diferentes propósitos. A forma como o texto é organizado na ocorrência (01), em que consta “tive de tomar”, indica que o objetivo do relato é expor uma situação ocorrida com o escrevente, de modo a compartilhar sua experiência com os demais leitores. Ele relata sua experiência diante de uma doença como uma possível forma de desabafo. Esse uso representa uma dimensão intersubjetivamente “não marcada” (Tantucci, 2021) e, portanto, mais subjetiva, pois a preocupação do falante é com sua própria experiência e não com a reação do interlocutor.

O enunciado (02), por sua vez, apresenta a construção “há de se desculpar” em um contexto de debate político. O falante, ao expressar sua expectativa de que a oposição se desculpe, projeta um posicionamento para o interlocutor (a oposição) e para o público leitor. Esse uso é marcado por uma intersubjetividade imediata, pois o falante está preocupado com a reação e o posicionamento do interlocutor específico (a oposição) e do público que acompanha o debate.

Já o construto (03), com “terá de ser”, é extraído de um blog de maternidade e parentalidade. O uso da construção modalizadora aqui está ligado a uma norma social ou legal (a obrigatoriedade do uso da cadeirinha até os oito anos). A preocupação do falante não é com um interlocutor específico, mas com a comunidade de pais em geral, que deve seguir a regra. Esse uso é um exemplo de intersubjetividade estendida, pois o falante se orienta para uma norma social e projeta a adesão de um público genérico.

Portanto, fica claro que os padrões construcionais por si só não carregam noções mais ou menos (inter)subjetivas, sendo estas deduzidas a partir da análise de todo o contexto (linguístico, cultural, situacional etc.). Nos três dados analisados, elementos como o gênero discursivo (blogs pessoais, textos informativos ou opinativos), o modo de endereçamento (direcionado a um interlocutor específico, presumido ou genérico), a função argumentativa local e a projeção de expectativas sobre o posicionamento do outro concorram diretamente para o tipo de inferência (inter)subjetiva articulada. À vista disso, essas diferentes nuances podem atestar a formação semântica de novas polissemias de uma única construção.

⁶ *Corpus do Português*. Disponível em: <http://blog.mommysconcierge.com/como-escolher-o-melhor-bebe-conforto-cadeirinha-do-carro/>. Acesso em: 30 out. 2021.

De fato, os usos de [ter de + infinitivo] discutidos até então podem ser interpretados como apresentando diferentes matizes intersubjetivos, pois ora se alinham aos desejos exclusivos do falante quanto ao que é dito, ora ao que se espera do(s) outro(s) a partir de determinado ato linguístico. Nessa perspectiva, particularmente a partir do modelo proposto por Tantucci (2021), é possível conceber uma gradação intersubjetiva segundo a qual a mesma construção se situa em diferentes estágios, variando entre usos mais ou menos subjetivos, intersubjetividade imediata ou intersubjetividade estendida. Cabe notar, contudo, que essa leitura não constitui consenso na literatura, uma vez que outros autores, como Traugott (2010), propõem modelos graduais distintos, baseados em critérios próprios de mudança semântica e de orientação ao interlocutor. Assim, considerar a intersubjetividade apenas de forma dicotômica (se uma forma é ou não intersubjetiva) pode limitar a compreensão das maneiras pelas quais os falantes “mentalizam” e projetam interlocutores específicos ou genéricos — embora os modos de gradação variem conforme o quadro teórico adotado.

O construto em (02), por exemplo, analisado anteriormente como representante da intersubjetividade imediata, de modo algum encerra as diferentes possibilidades de classificação que o subesquema [haver de + infinitivo] apresenta. Para demonstrar isso, vejamos as ocorrências a seguir:

- (04) Acho que sou uma vampira! Não sei o que hei de fazer mais, acho que sou uma vampira ou então estou a tornar-me uma vampira, ontem à noite quando fui para a cama só conseguia pensar em sangue mas ignorei esse desejo [...].⁷
- (05) O materialismo continuará a fazer sofrer aqueles que insistem em tapar os olhos. [...] Sempre devemos tomar cuidado com seres supostamente “iluminados” consoante gostam de ser denominados pelos novos grupos dos movimentos NOVA ERA, porquanto ANJOS CAÍDOS também possuem certa capacitação de influenciar humanos que se deixam serem influenciados por suas supostas BOAS INTENÇÕES. Havemos de NÃO idolatrar os referidos seres pois são entidades que não conhecemos. [...] Deus semeou o universo de mundos não para enfeitar o céu, mas para que humanidades semelhantes à nós, façam a sua evolução.⁸
- (06) [...] E, nesses quesitos, nada melhor do que os orgânicos! Quem começa a comprar alimentos orgânicos, há de concordar: eles são viciantes! Afinal, a qualidade, o sabor, o cheiro... Não tem comparação.⁹

O enunciado presente na ocorrência (04) apresenta um relato de uma jovem que está com hábitos estranhos, como desejo por sangue, e que, por isso, escreve para um blog em que são esperadas livres manifestações de qualquer ordem, cujo título sugestivo é *desabafa.com*. Nesse lugar, ao expressar “não sei o que hei de fazer mais”, a falante quer compartilhar esse fato com os leitores do citado blog. Dessa maneira, tem-se uma dimensão intersubjetivamente não marcada, um uso mais subjetivo, já que não há elementos evidentes que demonstrem a preocupação da jovem com as possíveis reações dos destinatários.

⁷ *Corpus do Português*. Disponível em: <http://www.desabafa.com/2011/acho-que-sou-uma-vampira/>. Acesso em: 22 set. 2021.

⁸ *Corpus do Português*. Disponível em: <http://arquivoconfidencial.blogspot.com/2005/11/aliengenas-curam-quatro-crianas-de.html>. Acesso em: 30 out. 2021.

⁹ *Corpus do Português*. Disponível em: <http://conversandocombernardo.com/>. Acesso em: 28 ago. 2021.



Já a argumentação elaborada em (05), qual seja, a de que se deve sempre questionar o porquê das coisas e suspeitar dos que se autointitulam “iluminados”, prontamente prepara o leitor para o apelo que é feito mais adiante, quando o falante aduz que “havemos de não idolatrar os referidos seres”. Apesar do emprego do pronome “nós”, esse uso não se estrutura como uma inclusão genérica da coletividade, mas como um recurso retórico que alinha o falante e um interlocutor específico — o leitor participante daquele blog — num mesmo espaço argumentativo, convocando-o a aderir ao posicionamento do enunciador. O “nós” funciona, portanto, como estratégia de aproximação e coesão pragmática com um público delimitado, e não como indexação de uma comunidade social ampla e abstrata. Nesse fragmento, fica evidente o forte viés de intersubjetividade imediata: o falante projeta o leitor direto como copartícipe, orientando seu enunciado para a forma como esse interlocutor deve avaliar e reagir à proposição. Trata-se de um ato de fala perlocucionário, uma vez que o subesquema [haver de + infinitivo], reforçado pelo “NÃO” em caixa alta, é mobilizado para produzir um efeito persuasivo direcionado, e não para instaurar uma orientação social generalizada.

No construto em (06), por seu turno, os argumentos giram em torno do poder e da importância de uma alimentação saudável mediante o uso de alimentos orgânicos. O texto, como um todo, apresenta um forte índice subjetivo devido aos usos dos verbos e pronomes em 1ª pessoa (sou, minha, busco, meu, acredito etc.). No entanto, o arremate final, conflagrado pelo uso de “Quem começa a comprar alimentos orgânicos, há de concordar” indicia que a preocupação da blogueira não é somente demonstrar algo que é benéfico para ela, mas demarcar que há um falante genérico presumido (i.e., um significado social). Assim, há uma procura de adesão por parte de seus leitores, devido à estratégia de reforço ampliada pela incorporação de todos que “compram alimentos orgânicos”. Em outras palavras, o dado (06) é marcado intersubjetivamente estendido e, por isso mesmo, o uso de “Quem começa a comprar alimentos orgânicos, há de concordar” expressa uma mensagem metalinguística às linhas do que se segue: “tenho certeza a respeito do que estou falando, quero que você saiba que não sou somente eu que pensa assim e espero que você concorde com o que falo”.

Conforme observamos, os subesquemas [ter de] e [haver de + infinitivo] apresentaram diferentes interpretações pragmáticas, ora alinhando-se a ações altamente subjetivas, ora demonstrando distintos níveis de intersubjetividade — imediata e/ou estendida. Em alguns casos, os falantes construíram uma forma de argumentação virtual (cf. Verhagen, 2005) ou interação fictiva (cf. Pascual, 2014), considerando leitores presumidos ou personas genéricas, dadas as limitações dos gêneros textuais quanto ao encontro face a face. Esse resultado indica que não é o subesquema em si que determina o grau de (inter)subjetividade, mas sim as propriedades pragmático-discursivas mobilizadas na interação, tais como o modo de endereçamento, o tipo de projeção do interlocutor, a orientação epistêmica do falante e a função argumentativa do enunciado. Assim, o papel central dessas propriedades está em ativar diferentes efeitos de sentido nas instanciações, permitindo que uma mesma configuração morfossintática seja empregada para expressar atitudes, avaliações, expectativas ou pressões sociais diversas, configurando usos subjetivos, intersubjetivos imediatos ou intersubjetivos estendidos. Portanto, não se pode afirmar com nitidez que as instâncias de um ou de outro subesquema correspondam, por si só, a

contextos mais ou menos (inter)subjetivos, pois tais nuances emergem da interação situada e da forma como o falante constrói e gere o espaço discursivo.

Outro aspecto pragmático que podemos destacar a partir da análise das ocorrências de [haver de + infinitivo] é relacionado à presença de Atos de Fala Indiretos em algumas instâncias de uso. Para analisar melhor essa questão, apresentamos, adiante, os construtos (07) e (08):

- (07) Acreditamos que se esse não é o momento de inovar, que outro será? Acreditamos que se esse não é o momento de ser e parecer diferente dos seus concorrentes, que outro haverá de ser? Acreditamos que se não for essa a hora de falar, enquanto muitos se calam de medo, que outra hora estará à nossa disposição para fazê-lo?¹⁰
- (08) Acho que para os homens, o maior problema é arrumar mulher legal, divertida e parceira. É meu filho, é difícil mesmo, até para a amiga é uma raça em extinção. Já fui casado com uma assim, mas o destino quis que terminasse. O que me “consola” é saber que, se aconteceu uma vez, pq não haveria de acontecer de novo??? Em contrapartida, sei que para as mulheres também está difícil.¹¹

Em (07), o construto “haverá de ser” indica uma expectativa em relação a algo que precisa acontecer na visão do locutor. A esse respeito, o falante expressa uma ideia de certeza ou probabilidade em relação a algo que ainda não aconteceu, mas que se espera que aconteça. No contexto do excerto, a pergunta retórica “que outro haverá de ser?” indica uma expectativa de que, se não for agora o momento de se diferenciar dos concorrentes, não haverá outro momento mais oportuno para fazer isso. A ideia, pois, é asseverar que é necessário inovar e se destacar no mercado em momentos de crise, e se não for feito agora, não haverá outra oportunidade tão boa para fazê-lo.

Quanto ao Ato de Fala Indireto presente nesse construto, podemos identificar a estratégia de sugestão ou persuasão, pois o locutor está sugerindo que é importante inovar e se diferenciar dos concorrentes, e que se não for feito no momento sugerido, pode ser tarde demais. Portanto, ele está tentando persuadir o interlocutor a concordar com sua visão e a agir de acordo com ela. Este, por sua vez, ativa (ou não) essa interpretação via inferência pragmática, uma vez que o texto não fornece todas as informações necessárias para que se entenda completamente a mensagem transmitida. Por meio da análise do contexto e dos elementos linguísticos utilizados, como a argumentação em torno do que o falante acredita ser o correto, o leitor ou ouvinte pode construir uma interpretação que corresponde necessariamente ao que o falante “realmente quer dizer”, pois, como argumentam Traugott e Dasher (2002), trata-se de um convite inferencial (*invited inference*), que o interlocutor pode aceitar, rejeitar ou reinterpretar conforme seu próprio conhecimento, expectativas e posicionamento na interação.

Já em (08), a ocorrência “não haveria de acontecer de novo???” é um exemplo de pergunta retórica que, na verdade, funciona como uma assertiva de que é provável que o evento se repita. O falante utiliza a construção modalizadora para expressar uma alta probabilidade ou certeza,

¹⁰ *Corpus do Português*. Disponível em: <http://blog.fabioseixas.com.br/archives/2008/10/>. Acesso em: 30 out. 2021.

¹¹ *Corpus do Português*. Disponível em: <http://elaeles.blogspot.com/2009/08/mal-me-quer-bem-me-quer-por-que-eu-nao.html>. Acesso em: 21 out. 2021.

disfarçada de questionamento. O ato de fala indireto aqui é a afirmação enfática da possibilidade de um novo relacionamento, servindo como um mecanismo de autoconsolo e projeção de futuro. A análise do contexto, que envolve o relato de um divórcio e a dificuldade em encontrar um novo parceiro, reforça a interpretação de que a pergunta retórica é, na verdade, uma forma de autoasseveração.

No excerto (08), o subesquema [haver de + infinitivo] ocorre na forma “haveria de acontecer”, isto é, no futuro do pretérito, o que intensifica o valor de suposição e possibilidade futura. Essa forma verbal, diferentemente do futuro simples, aciona um efeito de sentido que combina hipótese, atenuação e projeção do ponto de vista do falante: trata-se de algo que não é afirmado como certo, mas concebido como plausível diante de experiências anteriores. No fragmento, o locutor usa a pergunta retórica para expressar sua crença na possibilidade de um novo relacionamento, atenuando a afirmação direta e convidando o leitor a compartilhar dessa esperança.

Esses exemplos demonstram que a construção modalizadora é um recurso linguístico valioso para a realização de atos de fala indiretos, permitindo ao falante gerenciar a força ilocucionária de seus enunciados e as expectativas do interlocutor, o que é crucial para a regulação da interação social.

Nesta seção, analisamos os processos sociointeracionais da construção sob investigação, observando como a (inter)subjetividade e os atos de fala se manifestam em instâncias de uso de cada subesquema. Ademais, demonstramos que há um *continuum* entre os vieses subjetivos e intersubjetivos, de modo que o mesmo *type* construcional pode apresentar multifuncionalidade em diferentes contextos de uso, cuja definição de papéis mais específicos depende, sobretudo, das propriedades pragmático-discursivas que orientam cada ocorrência. De modo geral, as análises revelam que a variação interpretativa dos subesquemas decorre menos da forma em si e mais das condições de interação que a atualizam, evidenciando que padrões construcionais semelhantes podem assumir funções distintas conforme o modo como o falante projeta o interlocutor — específico ou genérico — e negocia sentidos no evento comunicativo.

4. Considerações finais

Este estudo investigou a atuação de processos sociointeracionais na construção modalizadora [V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}] no Português Brasileiro, com foco nos subesquemas [ter de + infinitivo] e [haver de + infinitivo]. A análise, fundamentada na LFCU e na GC, revelou que a construção é um domínio fértil para a manifestação de diferentes graus de (inter)subjetividade.

Os resultados confirmam a hipótese de que existe uma gradação intersubjetiva nos usos da construção, variando entre usos mais subjetivos (orientados ao falante), intersubjetivos imediatos (orientados a um interlocutor específico) e intersubjetivos estendidos (orientados a normas sociais ou a um público genérico). Essa variação é determinada pelas propriedades pragmático-discursivas mobilizadas na interação, como o modo de endereçamento, o tipo de projeção do interlocutor, a orientação epistêmica do falante e a função argumentativa do enunciado.



Adicionalmente, demonstramos que a construção, em particular o subesquema [haver de + infinitivo], é frequentemente empregada na materialização de atos de fala indiretos, como sugestão, persuasão e afirmação enfática. Isso sublinha o papel da construção como um importante mecanismo de regulação da interação, permitindo ao falante gerenciar a força ilocucionária e as expectativas do interlocutor.

Em suma, a construção modalizadora [$V1_{AUX} + PREP + V2_{INF}$] não é uma categoria fixa, mas uma forma linguística dinâmica, cujo significado é continuamente moldado pelos processos sociointeracionais. Sugerimos que futuras pesquisas explorem a diacronia da construção e a variação em outros gêneros discursivos, a fim de aprofundar a compreensão sobre a pragmatização e a emergência de novos sentidos.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor não tem conflitos de interesse a declarar.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BISPO, E. D.; LOPES, M, G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria e prática, método e aplicação. **Revista Odisséia**, v.7, n. Especial, p. i-x, 2022.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CORPUS do português. Disponível em <<https://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso entre 2021-2023.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 54, p. 12-28, 2023.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- NARROG, H. **Modality, subjectivity, and semantic change**: a cross-linguistic perspective. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- NUYTS, J. **Notions of (inter)subjectivity**. *English Text Construction*, v. 5, n. 1, p. 53-76, 2012.



PASCUAL, E. **Fictive interaction**: the conversation frame in thought, language, and discourse. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

SANTOS, L. T. **Abordagem funcional centrada no uso da construção modalizadora [V1_{AUX} + Prep + V2_{INF}]**. 233f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFRN: Natal-RN, 2023.

SCHEGLOFF, E. A. Interaction: The infrastructure for social institutions, the natural ecological niche for language, and the arena in which culture is enacted. In: ENFIELD; N. J.; LEVINSON, S. C. (Eds.), **Roots of human sociality**: Culture, cognition and interaction (pp. 70–96). Oxford/New York: Berg, 2006.

SEARLE, J. R. **Speech acts**: an essay in the philosophy of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969. [Tradução brasileira: Os actos de fala. Coimbra: Almedina, 1981].

SEARLE, J. R. **Expression and meaning**: studies in the theory of speech acts. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. [Tradução brasileira: Expressão e significado. São Paulo: Martins Fontes, 1995].

TANTUCCI, V. Intersubjectification as semiotic alignment: the case of Chinese evidential adverbs. **Language and Cognition**, v. 13, n. 1, p. 1-39, 2021.

TOMASELLO, M. **The cultural origins of human cognition**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

TOMASELLO, M. The moral psychology of obligation. **Behavioral and Brain Sciences**, 43, 2020.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VAN-DELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 29-71.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VERHAGEN, A. **Constructions of intersubjectivity**: discourse, syntax, and cognition. Oxford: Oxford University Press, 2005.